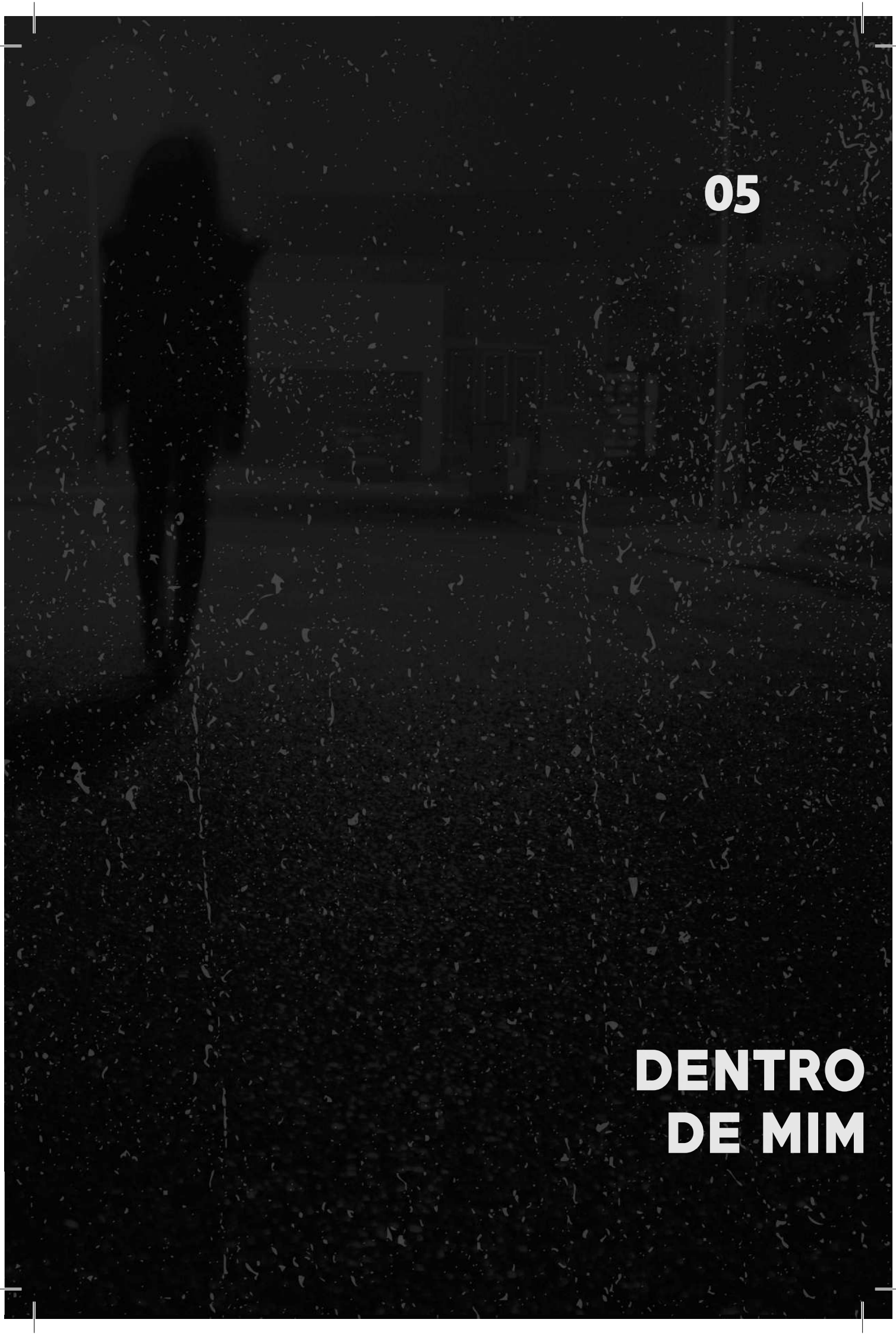

05

DENTRO DE MIM

A vida de Charles Dresser não estava nada fácil por muitas razões, a maior delas era a esposa, quer dizer, o casamento. Então ele saía do trabalho às dez da manhã para tomar um cafezinho na padaria, esperava descansar ouvindo a conversa à toa dos outros, concentrava-se nisso. A padaria ficava a duas quadras da firma, numa esquina. Tinha uma grande porta para cada rua, um grande balcão com a parte superior de vidro onde se viam os sonhos, as roscas, os pastéis, os bolos já cortados em fatias grossas, e na extremidade mais próxima à porta era o caixa onde a moça do caixa ficava emoldurada entre chicletes e chocolates por baixo, cigarros de todo tipo em cima e doces ou amendoins pendurados nas laterais. Quando chovia, Charles não precisava de guarda-chuva para ir da firma à padaria, entre as duas havia boas marquises, e a única rua a ser atravessada não mataria ninguém, talvez por atropelamento, mas não por banho de chuva, era uma rua estreita. Ele ia diariamente, às dez da manhã. Agora são dez e quinze e, distraído, Charles não olha para o *espresso* duplo que bebe e tem a sensação de ter engolido uma aranha.

Olha para as pessoas, elas continuam falando à toa. Tem vontade de pedir socorro, pode ter engolido uma aranha. Mas

não tem certeza. E se engoliu, ela não está trancada na garganta, foi para o estômago, não há por que socorrê-lo. Olha para o dono da padaria — um magro, jeito de tuberculoso —, pensa em perguntar o que ele acha, se o veneno da aranha pode matá-lo, ou pelo menos lhe fazer mal. O homem decerto se ofenderia, ora, se as xícaras sempre foram bem lavadas, seu próprio sobrinho o faz, é impossível alguém engolir uma aranha porque é impossível haver uma aranha no *espresso*. Charles frequentemente é atendido pelo tal sobrinho, um jovem humilde, dos que se sentem vivendo de favor, como se o mundo lhe desse uma licença constrangedora para viver. Esse rapaz deve mesmo lavar muito bem a louça.

Um Danny DeVito vai ao caixa e dá uma nota de cinco à moça.

— Ei, tampinha – diz Charles –, o café estava bom?

— Tampinha é a tua mãe – o outro responde sem ao menos encará-lo. Responde, pega o troco e sai.

Não tem outra, o destino do herói é a dúvida. Charles também paga a conta e vai embora.

Se pudesse, Charles teria um caso com a secretária do chefe. Mas Lucirene é uma moça correta, não teria caso com outros que não o chefe, aparentemente. Charles tem consciência disso e acha que o chefe tem problemas de ereção. Não sabe de nada que o leve a deduzi-lo, é um *insight*, algo a ver com o jeito como ele anda, fala, senta, pede o cafezinho a Lucirene. Pensando em cafezinho, Charles põe a mão na barriga e se lembra da aranha.

— Que foi, Dresser?

— Lucirene, por que você me chama sempre pelo sobrenome?

— Pra deixar as coisas claras. Agora diz o que foi.

— Acho que engoli uma aranha, mas ainda não tenho certeza.

— Eu não estou falando dessa mão tua na barriga. É do papel na outra.

— Ah, sim, preciso que o chefe assine. Por que você nunca me deu bola, hein, Lucirene?

— Sr. Dresser, tenha um bom dia – ela fala pegando o papel da mão dele e deixando-o numa pilha sobre a mesa. Depois abre uma gaveta e começa e mexer em coisas que fazem barulho.

Charles vai saindo agora com as duas mãos na boca do estômago e sem esperança na vida. Se pudesse, teria um caso com Lucirene e não perderia tempo fantasiando com a filha do companheiro de futebol. Antes que feche a porta, a secretária o chama. Ele coloca só a cabeça para dentro, sorrindo, e ela fala, sem parar de mexer nas coisas da gaveta:

— Lembranças à senhora sua esposa.

Isso não foi bom.

Pensar na senhora sua esposa no meio da manhã ele *não* precisava. Pensar em qualquer coisa da vida, aliás. Pensar, na verdade.

Ao telefone:

— Seguinte, eu não vou almoçar em casa.

— …

— É, você entende, tem muita coisa atrasada pra eu fazer por aqui e parece que nada está dando certo hoje, eu acho até…

— …

A esposa bate o telefone.

Charles queria falar do que aconteceu no café das dez. Gostaria de conversar sobre o incidente com qualquer pessoa. Mas olha para os lados e só vê pulhas. E a secretária *sexy* do chefe não se interessaria por ele nem se convulsionasse no tapete da sala dela.

O mundo está cheio de pessoas e de repente não servem para nada.

Na padaria, pede um sanduíche de pernil.

— Vai demorar – diz o dono, parecendo que já vai tossir, o tuberculoso.

— Sem problema, não estou com fome, eu até acho…

O dono da padaria se vira e grita "Um sanduíche de pernil" para a cozinha.

Charles fica se perguntando se fez uma boa escolha. Tudo depende de ele ter engolido ou não…

— Dresser! Ué, você aqui?

É Bentinho, amigo de Charles desde o colegial. Beberam juntos litros de tudo imaginável, e ainda assim ele o chama pelo sobrenome. Trabalham no mesmo prédio, e ele sabe que Charles sempre almoça em casa. Chegou sentando no banco ao seu lado.

— Bentinho, quer saber o que eu disse pra minha esposa ou a verdade?

— Saquei.

Bentinho faz o seu pedido, mas não dá para ouvir porque ao mesmo tempo um ônibus acelera na rua, a caixa registradora da padaria abre tocando aquele tipo de sineta e o dono da padaria finalmente tosse.

— Então, uma bolinha hoje? – ele pergunta a Charles.

— Ah, sim, hoje é terça.

E terça é dia em que a filha do Mendonça passa lá na quadra para voltar a casa com o pai. Ela faz aula de francês ali perto. Não obstante a menina tenha 16 anos, Charles a imagina sussurrando em francês ao seu ouvido e tem arrepios. Nunca vai adiante, não por culpa, é que o arrepio é tão forte que para por aí.

Ele olha para a barriga:

— Quer dizer, não sei.

— Como assim?

— Bentinho, o nosso estômago mataria uma aranha?

O amigo ri e faz uma cara interrogativa.

Charles continua:

— Assim, o suco gástrico…

— Dresser, o nosso estômago derrete até prego.

Je veux que vous…

Charles olha assustado para o lado e é o sobrinho do dono da padaria, com sua timidez humilde-irritante, dizendo "O sanduíche de pernil".

Bentinho não entende a reação do amigo, mas aproveita o funcionário ali para reclamar da demora do seu lanche.

O rapaz estremece visivelmente e responde "Já vem", mesmo sem ter ideia de a quantas vão as coisas na cozinha.

— Tá, agora me explica essa coisa da aranha – diz Bentinho.

Charles olha para o sanduíche no prato, o sanduíche um pouco maior que o prato, umas pontas da fatia de pernil e do queijo saindo do pão. Olha sem tocá-lo.

Bentinho também olha o prato de Charles e sorri:

— Se não vai comer, eu como.

Charles abana a cabeça e pega o sanduíche com as duas mãos. Leva-o à boca devagar como se andasse pelo corredor da morte. Fecha os olhos e sente seus dentes cravando na casca firme e quebradiça do pão. Sente o aroma do pernil misturado com o da manteiga subindo-lhe pelas narinas. Ao mesmo tempo mastiga, pouco, engole e, embora não seja de religião desde a adolescência, pensa que dali para baixo Deus faça a Sua vontade.

Se é que ele tenha de fato engolido uma aranha.

Se é que ela já não esteja morta.

Se é que Deus existe.

E se não engoliu nenhuma aranha, hoje ele vai cumprimentar a filha do Mendonça, promete-se.

Vento frio, Charles e o amigo fecham os casacos ao saírem na calçada. Daqui do outro lado da rua, dá a impressão

de que Bentinho está falando de algo visto no céu, ainda que ele não aponte. Agora Charles falando, talvez o assunto esteja em cima do prédio do lado de cá da rua. Agora os dois quietos, ainda olhando para cima. Passa pela frente deles, da direita para a esquerda, uma loira alta de salto alto e saia curta e barriga de fora não parecendo sentir frio mas antes o contrário. Charles acompanha seu desfile atentamente e Bentinho continua fixo olhando para cima. Charles pega no braço de Bentinho, acho que ele diz "Preciso ir embora". Bentinho aponta para a direita, onde ficam os escritórios, Charles balança a cabeça e aponta para a esquerda. Eles se apertam as mãos e na verdade só quem sai é Bentinho, Charles fica no mesmo lugar, observando a loira. Ela para numa vitrine logo adiante, ele vai andando devagar em sua direção. Ela o vê, mas finge que não o vê. Ele chega e fica ao seu lado de frente para a vitrine da qual desconheço o interior. Ela é mais alta que ele, bastante. Seu perfume deve ser suave e encantador, hipnótico.

Eles ficam ali por um tempo sem se virar. Charles põe a mão na barriga, e saem juntos.

No hotelzinho vagabundo do centro:

— Não sei o que me deu. É culpa da aranha.

— Meu bem, isso acontece com todo mundo um dia.

— Eu não devia ter vindo aqui. Nunca fiz isso. Especialmente hoje… – olha para a barriga.

— Isso acontece mais ainda.

— Foi ela… Ela manda em mim desde que está aqui dentro… Você acha, assim, que o suco gástrico…

— Meu bem, eu não sou psicóloga.

— Bentinho, seguinte, não tem bola pra mim hoje.

— …

— Pena, sim… Lembra da loira? Aquela na calçada da padaria.

— …

— Como não lembra? A de salto alto, de barriguinha de fora.

— …

— Eu sei que estava muito frio, mas…

— …

— Não me vem com essa. Não foi imaginação…

— …

— Não, não, a aranha também não foi imaginação, eu acho mesmo que…

— …

— Ah, vai te catar, Bentinho.

Charles desliga o telefone com violência. A loira de barriguinha de fora e o hotel vagabundo definitivamente não foram imaginação sua. Não dá para confiar em ninguém.

Ele tenta se dobrar e deixar o ouvido o mais perto possível da barriga.

Lucirene, a secretária gostosa do chefe, entra na sala dele. Sorri para ele. Ela traz papéis de trabalho e os larga sobre a mesa. Faz a volta na mesa, veste uma saia vermelha pelo meio das coxas, uma camisa branca muito justa, senta em seu colo, de costas para ele, começa a se esfregar. Charles pega-a nos quadris, desliza as mãos até as coxas, vem puxando a saia para trás. De súbito, uma dor no estômago o faz largar a saia da moça e ele põe as duas mãos na barriga…

Lucirene entra na sala dele e joga um maço de papéis sobre a mesa:

— Qual é, Dresser? Tá me olhando com uma cara de louco.

Chegou em casa às sete da noite.

Não jogou futebol, não viu a filha do Mendonça, não agarrou a secretária do chefe, não comeu a loira do umbigo de fora.

A esposa parecia ter saído. Mas assim que Charles tirou os sapatos, ela apareceu dentro do quarto. Ele não a viu entrar, foi como se ela já estivesse ali, invisível.

Ela reclamou do horário, embora ele não tenha chegado tarde. Reclamou do cheiro de cigarro — talvez da loira do umbigo de fora. Reclamou da luminária estragada que ele prometera arrumar havia uma semana. Disse que ele se esqueceu de pagar a conta do telefone vencida hoje. Que não aguentava mais o quadro ainda não pendurado, a grama sem cortar, o chuveiro entupido, os cinco meses sem jantarem num restau-

rante, os quatro anos sem viagem de férias, a cirurgia nas varizes que ela ainda não pôde fazer, o cachorro do vizinho que não parava de latir, o tempo chuvoso que lhe fazia doerem as juntas, o sol em dia de sol, o vento quando tinha, a conjunção dos planetas, sempre ruim…

A aranha não se manifestou, ou nunca existiu.

Charles Dresser estava só.